

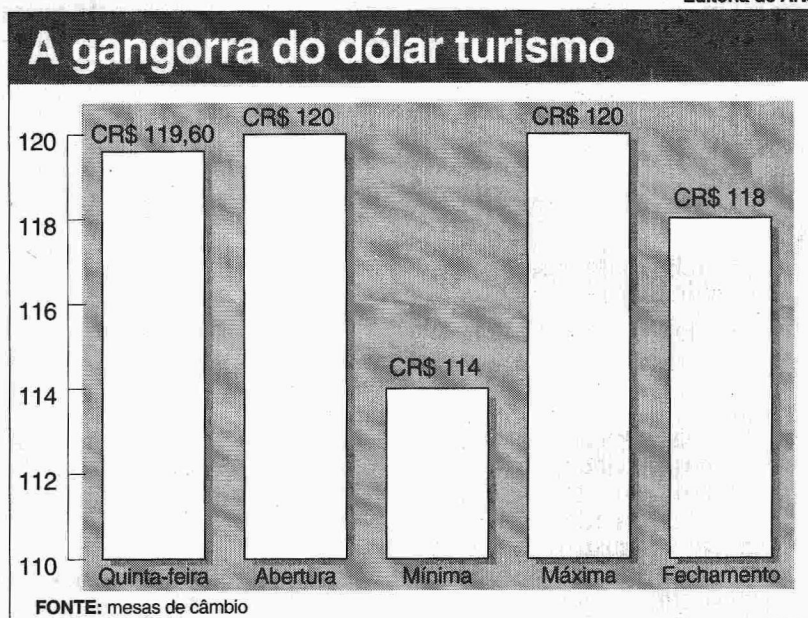
Economia Brasil
077
Reportagem 0092Economia Brasil
077
Reportagem 0093Economia Brasil
077
Reportagem 0094Economia Brasil
077
Reportagem 0095Economia Brasil
077
Reportagem 0096Economia Brasil
077
Reportagem 0097

Cotações do dólar sofrem grandes oscilações com a confirmação de que o câmbio será unificado

Expectativa de pacote agita o mercado

O mercado financeiro sofreu ontem um verdadeiro terremoto, causado pelas notícias sobre a unificação cambial, às quais se acrescentou o vazamento de informações do Ministério da Fazenda, dando conta que o Governo adotará medidas fortes contra a inflação antes do ajuste fiscal. Cresceram as expectativas de que o câmbio será mesmo a peça-chave do plano de estabilização que está a caminho, seja através de uma âncora cambial ou da prefixação do câmbio combinada ao uso do dólar como principal indexador da economia. No mercado de taxas flutuantes (dólar-turismo), a moeda americana fechou o dia cotada a CR\$ 118, com ágio de 5,2% em relação ao câmbio comercial, contra 8,2% na véspera. Já o paralelo fechou estável, a CR\$ 120 para venda.

Logo pela manhã, o dólar-turismo entrou em queda livre, e o ágio chegou a cair para 3%, por conta da pressão vendedora dos bancos, que acreditavam que a unificação já estava em vigor. A espera de alguma orientação do Banco Central sobre como seria a unificação, os bancos tiveram dificuldades de negociar a moeda, adotando cotações desencon-



tradadas e ágios diferentes em relação ao câmbio comercial.

As 12h, o mercado soube, pelos terminais ligados a uma agência de notícias, que o ministro Fernando Henrique Cardoso confirmava a unificação do câmbio. Isso fez o dólar-turismo atingir a cotação mais baixa do dia: CR\$ 114. Mais tarde, com os esclarecimentos do ministro de que a

unificação será gradual, os preços do dólar-turismo se recuperaram e a diferença entre o flutuante e o comercial se estabilizou em 8%.

A oscilação do dólar se refletiu no ouro. O grama, que abriu a CR\$ 1.380 na Bolsa de Mercadorias e Futuros, caiu para CR\$ 1.290, chegou a CR\$ 1.384 e fechou o dia a CR\$ 1.340, caindo 1,18% em relação à véspera.

Taxas de CDBs sobem e alcançam os 36,53%

Os juros continuaram em alta ontem. O Banco Central emprestou recursos às instituições a 45,15%, ou seja, 14 pontos percentuais acima da taxa referencial da véspera. A taxa média de ontem ficou em 45,14%, o que projeta um rendimento para os títulos públicos de 36,42%. Os CDBs, com prazo de 31 dias, também registraram taxas elevadas. Em média, estes papéis foram oferecidos a 3,620% ao ano, o que garante um ganho bruto de 36,53% no período e 47,03% pela taxa do overnight.

As notícias sobre a unificação do câmbio ajudaram a aumentar a procura pelas NTNs com correção cambial no mercado secundário. Por causa disso, os juros destes papéis, vendidos ao mercado a 17,5% ao ano, caíram para a casa de 16% ao ano além da variação do câmbio. Isso porque, para alguns técnicos do mercado, o Governo deverá optar, depois da unificação, por uma mididesvalorização do cruzeiro no início do plano de estabilização, para evitar efeitos negativos sobre as exportações.

Bolsa do Rio tem valorização recorde: 8,40%

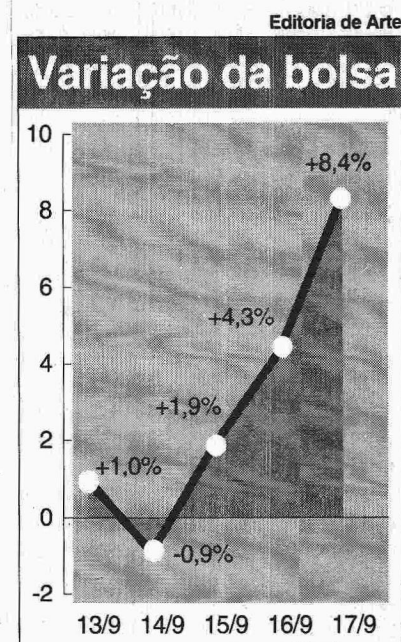
As bolsas de valores ontem dispararam por conta da declaração do ministro da Fazenda de que o câmbio será unificado. A tarde, circulou a notícia de que Gustavo Franco, diretor do BC, reduzira a expectativa, dizendo que não há nenhum estudo para a implantação da medida no curto prazo. Mas isso não conteve o movimento de compra.

Antecipando a migração de recursos do mercado paralelo do dólar, que tende a acabar, e até mesmo o reflexo da unificação nas aplicações de renda fixa — muitos acreditam na queda da taxa de juros — a Bolsa do Rio teve a maior valorização do ano: 8,4%, movimentando CR\$ 6,48 bilhões. Em São Paulo, o volume foi recorde, se descontados os vencimentos do mercado de opções e índice futuro: CR\$ 31,5 bilhões (US\$ 63 milhões), acompanhado por alta de 8,67%.

Foi uma alta estrondosa, tanto em função do anúncio da unificação do câmbio como pela expectativa de mudanças na privatização. Todo o mercado acredita na inclusão da Vale, empresa sobre a qual Pêrsio Arida já falou abertamente — disse o diretor da corretora do Banco Boavista, Sérgio Stempniewski.

Os investidores continuam na expectativa de que a Vale seja ser incluída no programa e esperam o anúncio de desdobramento das ações (split) da empresa. Vale PN valorizou 4,41% no Rio, mas movimentou menor volume financeiro (CR\$ 1,6 bilhões), que CSN ON (CR\$ 2,1 bilhões), que subiu 3,3%.

Além disso, houve uma verdadeira injeção de recursos vindos de fora — e não são aqueles es-



perados pela adequação dos investidores externos que tinham recursos aplicados em renda fixa e têm até o dia 20 para colocar 100% do dinheiro em ações, isto porque, explicou a diretora da consultoria Investidor Profissional, Elaine Restier, estes investidores já fizeram tal adequação.

Para se ter idéia do movimento de ontem, praticamente dobrou a quantidade de negócios com as principais blue chips — disse a analista.

Além das blue chips, uma empresa de segunda linha esteve listada ontem entre as 10 mais negociadas da BVRJ: Caemi PN, com valorização de 8,97%. Neste mês, Caemi PN acumula alta nominal de 46,55%. Segundo os analistas, a própria empresa vem comprando ações no mercado, "já que estão muito baratas".

Negócios crescem no mercado flutuante e BC intervém

A confirmação de que o Governo adotará a unificação cambial também foi um bom negócio para bancos e investidores. Segundo os operadores de câmbio, as instituições registraram um forte ingresso de divisas pelo dólar-turismo, aproveitando a diferença que ainda existe entre os dois câmbios. O dinheiro que entra pelo flutuante — portanto, numa cotação ainda superior ao

do dólar comercial — é trocado por cruzeiros reais para ser aplicado no mercado financeiro. Mais tarde, será remetido de volta ao exterior pela taxa de câmbio única, quando a unificação estiver em vigor.

Boa parte dos recursos que entraram via dólar-turismo vem de aplicações no câmbio comercial, por conta das novas regras do

Banco Central, que proibiu a aplicação em fundos de commodities por investidores estrangeiros que operam nas bolsas. Esses investidores têm até segunda-feira para se adequar às novas normas, resgatando suas cotas dos fundos para remeter o dinheiro de volta para o exterior ou aplicar na compra de ações. Só que o dinheiro está retornan-

do ao país para ser novamente aplicado nos mesmos fundos, através de empresas brasileiras.

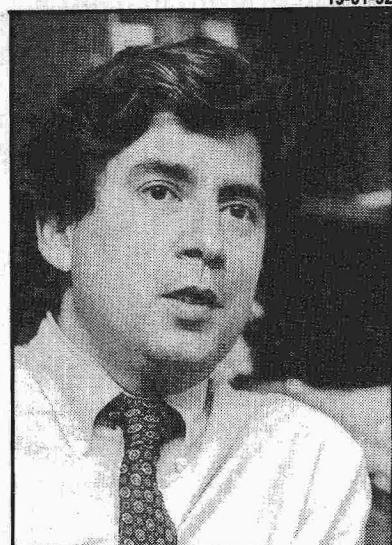
Por causa disso, o BC teve de fazer ao longo da semana vários leilões de venda de moeda, para abastecer o mercado. Ontem, a autoridade monetária foi obrigada a fazer cinco leilões. Estima-se que o BC tenha vendido mais de US\$ 500 milhões só ontem.

Lemgruber espera reforma monetária e cambial

CECILIA COSTA e SONIA SOARES

O Governo está se preparando para realizar mudanças nos regimes cambial e monetário até o fim do ano. É o que indicam as medidas adotadas nos últimos dias, dizem economistas e executivos do mercado financeiro, que encaram a separação das contas do Tesouro e do Banco Central, a limpeza da carteira do BC, a troca de títulos e a "lenta" unificação cambial como os primeiros passos para a adoção de um plano abrangente de combate à inflação. Esse programa deve incluir a criação de um sistema de duas moedas ou mesmo a indexação do cruzeiro real ao dólar.

O economista Antonio Carlos Lemgruber, ex-presidente do Banco Central, é um dos que apostam que o Governo está preparando o terreno para tomar medidas mais fortes envolvendo o câmbio. Há duas semanas, ele enviou um documento para investidores estrangeiros, clientes do Banco Liberal (do qual é presidente), analisando diferentes



Lemgruber: mudanças neste ano

cenários para o plano que poderá ser adotado no Brasil, em outubro ou novembro deste ano. No documento, Lemgruber fala da indexação da economia ao dólar, seja através da liberação cambial ou da criação de um sistema de duas moedas, uma das quais atrelada ao dólar, como

defende o negociador da dívida externa, André Lara Resende.

Lemgruber está certo de que a unificação do câmbio será o ponto de partida de um programa de estabilização bem mais abrangente. O câmbio único viabiliza de imediato quatro hipóteses de reforma monetária e cambial. Cada uma delas já vem sendo objeto de análise no mercado, por trazer vantagens ou desvantagens para a economia.

Em um dos modelos, o BC continuaria a atuar para manter a cotação do dólar variando conforme a inflação. Segundo Lemgruber, esta hipótese é benéfica para a balança de pagamentos, porque não afeta o nível de reservas do Brasil. Por outro lado, não resolveria a questão da inflação, devido ao impacto sobre os produtos que têm preços atrelados ao dólar (como os combustíveis, por exemplo). Também permaneceriam os problemas para a condução da política monetária, devido ao aumento do fluxo de recursos estrangeiros.

O Governo pode ainda deixar que as taxas flutuem livremente,

sem a interferência do Banco Central, permitindo a conversibilidade da moeda. Com o movimento livre no mercado, desapareceriam o problema de política monetária, já que os juros internos e externos acabariam se aproximando. Neste modelo, não há como prever a tendência do câmbio, que pode ficar supervalorizado ou subvalorizado, afetando a balança comercial.

Quanto à hipótese de André Lara Resende — a criação de uma moeda forte, que conviveria com o desgastado cruzeiro real — Lemgruber acha que as duas moedas seriam desnecessárias, já que a total liberdade dada ao câmbio poderia ter o mesmo efeito. Ou seja, basta deixar a moeda flutuar livremente, até as últimas consequências, para que o país encontrasse uma paridade ideal em relação ao dólar, e depois fixar o câmbio. Ele teme, porém, as duas medidas — criação de duas moedas ou flutuação livre — e acentua que se vierem a ser adotadas, será importante controlar os juros, elevando-os para impedir a hiperinflação.

Bancos elogiam proposta de unificação

Os planos do ministro Fernando Henrique Cardoso para unificação do câmbio agradaram aos banqueiros. Eles acreditam que a medida será decisiva para estabilizar a inflação. A possibilidade de os exportadores movimentarem contas em dólar também seria uma forma de evitar pressão sobre a base monetária, já que o Banco Central não seria mais obrigado a emitir cruzeiros para compensar os dólares que entram no país.

O presidente do Bank of America, Joel Korn, acredita que a demanda por dólares pode crescer assim que começar a unificação do câmbio.

A liberação de contas em dólar para os exportadores é bem-vinda, porque dará mais competitividade aos produtos brasileiros — diz Korn, que participou ontem do IX Seminário Nacional de Câmbio e Comércio Exterior, no Hotel Méridien.

Alguns banqueiros especulam que a gradual unificação do

câmbio poderia começar pela transferência de algumas operações que hoje são feitas pelo câmbio comercial para o flutuante (turismo). Se isto ocorrer, haveria uma desvalorização do flutuante num primeiro momento. E o Banco Central poderia controlar melhor a cotação do dólar comercial, para evitar prejuízo nas exportações.

O superintendente do Banco Bamerindus, Belmiro Valverde, explica que o país produz, por mês, um saldo comercial de US\$ 1,2 bilhão e outros US\$ 500 milhões de saldo nas operações financeiras (entrada de dólares superando a saída).

O nosso medo é que, com essa política de unificação, o saldo comercial poderia "derreter", ou seja, a variação do câmbio ficaria abaixo da inflação, fazendo com que os produtos brasileiros perdessem competitividade no exterior. Para evitar isso, o BC teria que ficar atento, administrando as taxas — afirma.